

## 2014 NO BRASIL: COPA PARA TODOS, COZINHA PARA ALGUNS?

Agnaldo Kupper

### RESUMO:

A reconstrução da história brasileira passa pela compreensão das lutas políticas entre grupos subalternos. O avanço do futebol enquanto prática social, esportiva e política ganhou o mundo trazendo eventos gigantescos como a Copa do Mundo de Futebol. O Brasil já foi sede de uma Copa. Foi no distante ano de 1950. Será sede de outra, desta vez em 2014. Para quem e a quem serve um evento desta grandiosidade em um país com tantos problemas estruturais? Estamos preparados para tal? Os investimentos poderiam ser direcionados para outras áreas que não para a organização deste evento? Seria o evento uma festa para todos ou para alguns? Ou podemos crescer a partir da organização do maior encontro do mundo de seleções de futebol?

**UNITERMOS:** futebol; Copa de 2014; problemas estruturais; investimentos.

### ABSTRACT:

The reconstruction of Brazilian History involves the understanding of political struggles among subaltern groups. The improvement of football as a social, political and sport discipline throughout the world has made a breakthrough concerning events such as FIFA World Cup. Brazil has hosted the 1950 World Cup and it will be the host country for the next event in 2014. For whom will this magnificent event be organized in a nation with so many structural problems? Are we really prepared for that? Should the investments be directed to other areas not concerned with the event? Should the World Cup be a football party for all of us or just a few citizens? Could we make any progress from the organization of the world's largest tournament of teams?

**KEY WORDS:** football; World Cup 2014; structural problems; investments.

## O ADVENTO DO FUTEBOL ENQUANTO

A bola já rolava em Florença ao final da Idade Média. Disputava-se o *cálcio*, termo ainda usado nos dias atuais para designar futebol.

William Shakespeare chegou a citar a prática do futebol em sua *Comédia dos Erros*, onde pergunta: “(...) tomais-me por uma bola de futebol? Vós me chutais para lá, e ele me chuta para cá. Se devo durar neste serviço, deveis forrar-me de couro”. Já em *Rei Lear*, a marginalização social desse esporte fica clara na fala insultuosa de um personagem: “Tu, desprezível jogador de futebol!”.

Mas foi no século XVIII, com a consolidação do parlamentarismo e a Revolução Industrial, representando a vitória do capitalismo na sociedade inglesa, que começaram a ocorrer mudanças no jogo da bola. Aos dirigentes da aristocracia interessava reformular a educação então dominante no país. O futebol, esporte que vinculava disciplina e solidariedade, serviria ao propósito. Para tanto, regras fixas deveriam ser criadas. Em 1823, na Rugby School, a discussão se deu: deveria a prática permitir também o uso das mãos? Com a aceitação, nasceu o chamado *rugby*<sup>1</sup>.

Em 1863, surgiu o chamado football association, o conhecido futebol atual, quando representantes de onze clubes e escolas reuniram-se e fundaram a Football Association, em Londres. Neste mesmo ano, a prática foi codificada em apenas quatorze regras, tornadas públicas em livros e cartilhas distribuídas pelo país. Como as discussões mantinham-se, foi necessária a introdução de um árbitro. Decidiu-se, também, que os jogos deveriam ser decididos por gols, com prorrogações até que houvesse desempate.

A última década do século XIX teve como uma de suas características o crescente fortalecimento das paixões nacionalistas, sobretudo nas sociedades capitalistas centrais, empreendedoras de vigorosa expansão imperialista.

Muito antes de se disseminar pelas fábricas, o futebol disseminou-se pelos

79

R  
E  
V  
I  
S  
T  
A

<sup>1</sup> Duílio Martins. Nacionalidade de uma paixão universal. História do Futebol. São Paulo: Cosespe, 1997

ambientes escolares ingleses, em especial devido à intensa urbanização da segunda metade do século XIX. Tornou-se a válvula de escape de um processamento opressor.

Mas foi mesmo entre os operários que fez grande sucesso, ao ponto de Hobsbawn (1987) classificá-lo como a “religião leiga da classe operária”.

Surgiram resistências à adoção do futebol. Mas por pouco tempo. A prática proliferou-se, chegando à França em 1872, à Suíça, em 1879, à Bélgica, em 1880, à Holanda, Dinamarca e Alemanha, em 1889, à Itália, em 1893, ao Brasil, em 1895 (de forma oficial). Na América Latina, a rápida propagação da modalidade foi facilitada pelo fato de existirem no continente comunidades inglesas ligadas a empresas e empreendimentos do capitalismo inglês<sup>1</sup>.

Acredita-se que os ingleses foram os primeiros a praticar futebol no Brasil.

Uma das primeiras menções ao futebol no Brasil data dos anais de 1746 da Câmara Municipal de São Paulo, que proibia o jogo da bola, pois o considerava causador de agrupamentos de vadios e desordeiros.

Crê-se, no entanto, que os ingleses foram os primeiros a jogar bola nas praias e capinzais existentes no litoral brasileiro. Informações dão conta de que, por volta de 1875, trabalhadores ingleses e brasileiros pertencentes a empresas britânicas, enfrentaram-se em partidas de futebol no campo do Payssandu Cricket Club, no bairro Laranjeiras, cidade do Rio de Janeiro.

O futebol association, com suas regras, foi trazido para o Brasil por Charles Miller (1874-1953), filho de pais ingleses, nascido no Brasil que, com nove anos de idade, foi enviado para estudos no Banister Court Scholl, em Southampton, Inglaterra. Ao retornar a São Paulo, em 1894, trazia em sua bagagem duas bolas de couro, camisas, chuteiras e calções, passando a divulgar a prática. Fontes indicam que as primeiras pejeas foram disputadas na Várzea do Carmo. A historiografia assinala a data de 14 de abril de 1895 para a realização da primeira partida de futebol no país. O ano de 1898 assistiu à criação do primeiro clube destinado ao futebol no Brasil: Associação Atlética Mackenzie College. Em 1900 foi criado o Clube Atlético Paulistano. Os dois clubes organizaram, em seguida, a Liga Paulista de Futebol.

O caráter da prática era elitista, com agremiações fechadas. Tal elitismo pode ser demonstrado nos preços cobrados aos que desejassem se associar aos clubes familiares que foram sendo formados: altíssimos, para a época. Ao serem anunciados para uma partida (escalação), os jogadores tinham os nomes antecidos por “senhor”<sup>2</sup>

No Rio de Janeiro, a prática do futebol ganhou projeção após a reurbanização da cidade no início do século XX, com organização de Francisco Pereira Passos. Nesta modernização da cidade, centenas de habitações de segmentos sociais menos favorecidos foram colocadas abaixo para dar lugar, entre outros, a grandes avenidas. A grande parcela da população prejudicada pelas obras não tardou a revoltar-se, fazendo surgir a primeira grande revolta urbana da história brasileira: a Revolta da Vacina (1904), reprimida com a força da polícia e, quem sabe, com o estímulo ao futebol nos terrenos baldios e nas praias, em especial entre os maltas.

O jogo com bola, seja em São Paulo, seja no Rio de Janeiro, perdeu rapidamente o seu caráter elitista, ganhando força, enquanto modalidade, entre os “cabras”.

No Brasil, nomes como Afrânio Peixoto chegaram a alardear as vantagens da prática do futebol como forma de “curar os males sociais do Brasil a partir da disciplina e do desenvolvimento do espírito de grupo”.

1 Rubim Aquino. *Futebol uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002

2 Tomás Mazzoni. *História do Futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950.

O futebol é um esporte de fácil assimilação e improvisado. Diria anárquico. Joga-se como quiser. O campo de jogo pode ser adaptado, assim como as metas (gols). Dois pares de chinelas podem ser o bastante para delimitar o objetivo. O campo pode ser um pedaço de calçada ou de rua. O piso pouco importa: regular, irregular, íngreme. O tempo é livre. Pode até ser por número de tentos marcados, tal qual “vira a seis, termina a doze”. Oficialmente, onze jogadores de cada lado, mas podem ser unidos quantos jogadores se desejar ou se tiver à disposição. Com goleiro, sem goleiro, com goleiro-linha. Até a bola pode ser adaptada. Pode-se apitar por consenso. A tática pode existir ou ser traída.

A princípio, com o futebol ganhando fôlego no Brasil, as empresas passaram a criar seus times (até mesmo clubes de futebol!). Na década de 1920, difícil apontar uma grande indústria que não tivesse seu time principal. Ou seja, o esporte de elite entregou-se aos trabalhadores. Muitos times fabris passaram por um processo de profissionalização, fazendo surgir o “operário-jogador”.

Os anarquistas e comunistas, por dominarem os principais sindicatos trabalhistas, não viam com bons olhos a proliferação da prática futebolística, torcendo o nariz para sua popularização. Pelo menos a princípio. Denominavam-no de esporte burguês, apontando os males dos times em fábricas, o que desvirtuava a luta de classes ao defender-se o nome da empresa.

Mas mesmo os anarquistas e comunistas renderam-se, dando o braço a torcer e estimulando a prática, desde com fins educacionais e de solidariedade.

A entrega se deu. O futebol, ao que parece, prevaleceu e venceu, passando a ser visto como estímulo para atrair trabalhadores para as reuniões sindicais..

Heloísa Bruhns (2000)<sup>3</sup> afirma que a trajetória do futebol, “introduzido no país há mais de cem anos por uma elite, até se tornar o esporte mais popular do Brasil, ao longo de uma série de episódios e processos que se desenrolaram com o desenvolvimento industrial e urbano, envolveu a classe operária, empresários, camadas populares e, especialmente, a população negra. Os industriais brasileiros perceberam que o futebol praticado pelos operários poderia funcionar como um ótimo veículo publicitário”.

Bruhns já nos dá uma pista e deixa uma indagação: teria sido a prática do futebol um instrumento quase imperceptível usado para esvaziar o movimento sindical impressionantemente influenciado pela ideologia anarquista e anarcosindicalista? E continua: “(...) o processo de difusão do futebol entre a classe trabalhadora não pareceu estranho a anarquistas e comunistas, durante as primeiras décadas do século. A questão ocupou alguns sindicatos, recebendo a denominação de ‘esporte burguês’, poderoso ‘ópio’, capaz de minar a união e a organização de classes” E fecha dando-nos mais uma dica: “(...) tanto anarquistas quanto comunistas assistiram à derrota de suas resistências, reconhecendo a popularização do esporte e sua adoção pela classe trabalhadora como irreversível”.

Já Murilo de Carvalho<sup>4</sup> afirma que “A partir da virada do século, o anarquismo fez incursões entre os operários (...), trazendo propostas políticas e sociais que seguramente confrontavam as tradições. (...) A rejeição da idéia de pátria e de nacionalismo, a oposição ao serviço militar, era a nova ênfase na criação de uma cultura operária própria, de uma educação alternativa, de relações igualitárias entre os sexos. Os anarquistas (...) mostravam sua intolerância com certas tradições populares, como o carnaval, o futebol, o jogo”.

Carvalho aponta o temor de certos anarquistas em relação à prática futebolística. Para alguns seguidores desta ideologia, o futebol poderia agregar trabalhadores e servir

<sup>3</sup> Heloísa Turini Bruhns. *Futebol, Carnaval e Capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro*. Campinas: Papirus, 2000

<sup>4</sup> José Murilo de Carvalho. *Pontos e Bordados*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998

como instrumento para reuni-los para os embates contra as opressões. Neste último sentido, anarquistas, anarcosindicalistas e comunistas teriam sido divulgadores do futebol no Brasil, mais especificamente no Estado de São Paulo. Por outro lado, indústrias paulistas começaram a criar seus clubes. Na década de 1920, difícil era apontar uma indústria da capital que não tivesse um time de futebol. Talvez porque, em outro sentido, a classe empresarial via na proliferação do esporte uma forma de retirar os operários das discussões e organizações sindicais.

Teria sido por isto - a partir desta nova visão - que anarquistas e comunistas teriam começado a torcer o nariz para o futebol, provavelmente por começarem a perceber que o esporte poderia elevar o nome da fábrica, além de gerar confrontos ente os times e, conseqüentemente, entre os trabalhadores, desvirtuando a luta de classes? Algo a se aprofundar...

O jornal *A Plebe*, de cunho anarquista, em uma de suas edições, chegou a afirmar: “Atualmente, são três os meios infalíveis que os ricos exploradores das misérias e necessidades do povo empregam para tornar a classe operária uma massa bruta: o esporte, o padre a política. Não existe nenhuma vila ou aglomerado de casas de operários que não tenha o campo de futebol, a igreja e os gorjetados incitadores políticos. Nos campos de futebol, os operários de ambos os sexos tornam-se aficionados e torcedores e brutalizam-se a ponto de só viverem discutindo entre os seus companheiros os lances e proezas dos campeões”<sup>1</sup>.

Outros anarquistas e comunistas, ao invés de simplesmente só criticarem o esporte, começaram a organizar o futebol como lazer, se contrapondo à cultura burguesa do futebol. Propunham uma espécie de auto-gestão do futebol pelos trabalhadores. Era a “proletarização do esporte”. O jornal *O Trabalhador Gráfico*, chegou a afirmar: “A necessidade do esporte para a juventude é um fato incontestável. A burguesia se aproveita desse fato para canalizar todos os jovens das fábricas para os seus clubes. Que fazem os jovens nos clubes burgueses? Defendem as cores desses clubes. Se o clube é de uma fábrica é o nome e a cor da fábrica que defendem; a burguesia cultiva neles a paixão e a luta contra a juventude das outras empresas. Todo operário footbailer deve ingressar nos clubes proletários. No mundo obreiro ninguém mais ignora que o esporte bretão tem sido útil ao capitalismo para desviar a atenção das massas trabalhadoras dos seus sindicatos profissionais”<sup>2</sup>.

Já o jornal *Nossa Voz*, fez o seguinte comentário: “Trabalhadores que somos, organizaremos os nossos clubes, as nossas ligas, feitos e dirigidos por nós mesmos, sem interesses de dinheiro, mas só animados pelo espírito de solidariedade proletária”<sup>3</sup>.

A dicotomia estava escancarada e, enquanto tendências anarquistas e comunistas discutiam o futebol, capitalistas pareciam estar mais convictos do que queriam do “jogo da bola”.

A proliferação do futebol no Brasil, quando incentivada por anarquistas, comunistas e capitalistas, têm defesas: “Algumas discussões apontavam o futebol como um elemento positivo e unificador de um país miscigenado, que pode promover a educação e a solidariedade (...) Outros viam o futebol como expressão do atraso e do subdesenvolvimento”<sup>4</sup>. Já Renato Pompeu<sup>5</sup>, afirma que com o futebol “(...) foi descoberto

1 Jornal *A Plebe*, 28 de Janeiro de 1933.

2 Jornal *O Trabalhador Gráfico*, 25 de Maio de 1928.

3 Jornal *Nossa Voz*, 01 de Julho de 1934.

4 José C. do Rego, Mário Filho e N. Rodrigues. *Com brasileiro não há quem possa*. São Paulo: Ed. Unesp, 2004

5 Renato Pompeu. *Memórias de uma bola de futebol*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002

que o lazer não é preguiça, que o lazer é o descanso após o trabalho e é uma espécie de reconciliação com a vida natural”. Certamente, tal visão foi muito bem explorada pelos defensores do esporte bretão.

Exemplos vindos de fora dos quatro cantos do Brasil também podem ser aqui citados rapidamente. Na Argentina, a história do futebol é bem parecida com a de nosso país: socialistas e anarquistas criaram clubes como o ‘Mártires de Chicago’, em homenagem aos operários enforcados nos Estados Unidos da América por lutarem pela jornada de oito horas de trabalho. O Mártires foi o núcleo do ‘Argentino Júnios’ e do ‘Newell Old Boys’ (fundado em homenagem a Newell, anarquista). O mesmo ocorreu na Croácia, com a fundação do Clube ‘Anarco’ e em Barcelona e Bilbao.

Não há como desconsiderar que o fim da República Velha, em 1930, quando o Brasil partiu para seu projeto de industrialização, fez a política e o futebol se aproximarem em definitivo, talvez pela ênfase dada ao esporte no primeiro quarto do século. Já na sua segunda Copa do Mundo, disputada na Itália, a seleção brasileira teve como chefe da delegação Lourival Fontes, um dos mais próximos colaboradores de Getúlio Vargas. O próprio presidente tratou de colocar o futebol dentro do palácio do governo, quando afirmou que “a missão do time não é somente de caráter esportivo, mas envolve o desempenho de um dever cívico”, talvez inspirado por Benito Mussolini, que transformara o Mundial de 1934 em evento para consolidar o regime fascista.

A entrega se deu. O futebol, ao que parece, prevaleceu e venceu, passando a ser visto como estímulo para atrair trabalhadores para as reuniões sindicais.

A partir de então, a prática do futebol tem sido utilizada como instrumento ideológico para acalmar as massas, como ocorreu durante o período ditatorial militar brasileiro (1964-1985), em especial durante o governo de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), que lançou mão do futebol para atenuar conflitos políticos e sociais.

Pensado enquanto esporte, o futebol praticado nas peladas de ruas ou em campos de várzea, pode refletir a singularidade da cultura nacional. Pensado enquanto negócio, a prática tem sofrido um processo de mercadorização, com o uso de patrocinadores, com a venda de direitos de imagens de jogadores e da própria comercialização dos direitos de transmissões pelos canais de televisão.

O fato é que o futebol representa as formas de viver de uma sociedade, colaborando para distinguir as classes sociais, desmobilizando resistências e colaborando para a estabilidade social em nosso país.

Para quê e para quem serve e já serviu o futebol? Como esta prática enraizou-se tão violentamente na alma do povo brasileiro? Alguns prontamente responderiam: alienação, prática simbólica da socialização, teatralização da vida social, encenação abstrata da guerra... Parece-me pouco.

E para que e para quem serve uma copa do mundo realizada no Brasil, como esta a ser realizada neste 2014?

## **EIS QUE SURGE A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL**

Em 1928, Jules Rimet, presidente da FIFA, propôs ao Uruguai a organização do primeiro campeonato mundial de futebol. Pela proposta, seria uma competição independente dos Jogos Olímpicos da era moderna, iniciados em 1908.

Além das dificuldades para a organização (em especial financeiras), a idéia encontrou mais um obstáculo: a Crise de 1929, marcada pela quebra da economia norte-americana e simbolizada no Crash da Bolsa de Valores de Nova Iorque. O mundo todo,

como se sabe, foi atingido com a crise capitalista, que trouxe falências de empresas, desemprego e grave crise política.

Mesmo assim, o Uruguai manteve sua intenção.

Com a situação, apenas quatro países europeus participaram da primeira Copa do Mundo de Futebol: Romênia, Iugoslávia, Bélgica e França. Os demais países participantes foram todos americanos: Bolívia, Brasil, Chile, Argentina, Estados Unidos da América, Peru, Paraguai, México e, claro, Uruguai.

A participação brasileira foi ruim e a final reuniu Argentina e Uruguai, com vitória do país sede.

O fracasso brasileiro na Copa de 1930 coincidiu com o fim da República Velha e o início do governo Getúlio Vargas. Este, ao iniciar seu governo, percebeu ser o futebol um ótimo “gancho” para sua política.

A segunda Copa do Mundo de Futebol foi realizada na Itália, em 1934 (vitória do país sede). O chefe da delegação brasileira foi Lourival Fontes, um dos homens mais próximos de Vargas, que tratou de colocar o futebol dentro do palácio do governo (então cidade do Rio de Janeiro). Antes do embarque da delegação brasileira para solo italiano, o presidente brasileiro recebeu seus componentes, afirmando que “a missão que embarca não tem apenas caráter esportivo, mas envolve o desempenho de um dever cívico”. Mas tudo estava apenas no começo e a composição da delegação brasileira contou apenas com dezessete jogadores, já que o profissionalismo da prática ainda estava longe. O Brasil foi eliminado já na primeira partida e Getúlio não pode capitalizar politicamente com o evento.

A terceira, na França, em 1938. Nova vitória da Itália.

84 Devido à eclosão da II Grande Guerra Mundial (1939-1945), não tivemos a realização do torneio em 1942 e 1946. Em 1950, o evento ocorreu no Brasil. Vale lembrar que, fora de campo, o período foi marcado pela elevação da tensão entre EUA e URSS, reflexo do pós-II Guerra, refletida na Guerra da Coreia (1951-1953), quando os dois países dividiam a península coreana ao meio: capitalistas no sul e socialistas ao norte. Na África, a participação das colônias em favor dos Aliados durante a Segunda Guerra fortaleceu o sentimento independentista no continente. Nesse período, diversos agrupamentos políticos surgiram na África Ocidental Francesa, inicialmente buscando relações mais igualitárias com a metrópole, mas já traziam o desejo de independência. Na África do Sul, o *apartheid* política oficial de segregação racial evoluía. Com grande carga ideológica e de propaganda, o presidente brasileiro Getúlio Vargas associava o futebol ao Estado Novo (1937-1945). A influência do presidente teve até lances folclóricos como a indicação de sua filha, Alzira, para o cargo de “madrinha” da seleção. Nesta Copa, até o jogo decisivo, tudo correu dentro dos planos de Vargas. Com a Europa ainda se reestruturando da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), coube ao Brasil abrigar esta quarta edição da Copa. A FIFA não tinha alternativa, já que o único candidato era o Brasil (fora do eixo europeu). O presidente não era mais Getúlio, mas Eurico Gaspar Dutra, que fez do mundial uma das vitrines do seu governo. Dutra não economizou na construção de estádios e se transformou numa espécie de fiscal da construção do estádio do Maracanã. Acusações de corrupção envolvendo a Prefeitura do Rio de Janeiro não impediram que o maior estádio do mundo fosse construído especialmente para o evento. No país sede, Brasil, o clima era de conquista, do “já ganhou”. Em um momento histórico, com o Maracanã com cerca de duzentos mil torcedores, o Brasil perdeu para o Uruguai .

Na Em 1954, na Suíça, o triunfo coube à Alemanha. Em 1958, na Suécia, a primeira conquista brasileira. Em 1962, Chile, bicampeonato do Brasil. Quatro anos mais

tarde, na Inglaterra, vitória do país sede. Em 1970, no México, tricampeonato brasileiro. Em 1974, Alemanha, vitória, novamente, do país sede. Em 1978, na Argentina, Argentina campeã. Em 1982, na Espanha, vitória da Itália. Em 1986, a Argentina tornou-se bicampeã; novamente o evento ocorreu no México. Em 1990, na Itália, nova vitória alemã. Em 1994, nos EUA, tetracampeonato do Brasil. Em 1998, na França, vitória francesa. Em 2002, organização conjunta entre Japão e Coreia: vitória brasileira; concretizara-se o pentacampeonato para o Brasil. Quatro anos mais tarde, em 2006, a Itália consagrou-se. Em 2010, o palco do maior evento de futebol do mundo foi a África do Sul. Vitória espanhola.

Para a Copa de 2014, a sede escolhida foi novamente o chamado país do futebol: o Brasil.

## NOVAMENTE A COPA NO BRASIL

Em junho de 2010, a empresa de Consultoria Erns & Young, em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), estimou que os investimentos para a realização da Copa do Mundo de Futebol no Brasil injetariam R\$142,3 bilhões de reais na economia brasileira entre os anos de 2010 e 2014. De acordo com o estudo, o valor estimado seria composto pelos investimentos diretos em organização e infraestrutura (29,6 bilhões de reais), somados aos impactos indiretos na produção de bens e serviços (R\$112,7 bilhões). O levantamento estimou, também, que 3,6 milhões de empregos seriam criados. O impacto dos investimentos para a realização da Copa de 2014 representaria, ainda pelos estudos, o equivalente a 2,17% do Produto Interno Brasileiro (PIB) previsto para 2010. Finalmente, o setor que deveria ser mais amplamente contemplado seria o da construção civil.

Sem dúvidas, um grande investimento que, segundo os mais críticos, poderia ser revertido para outros fins, afinal as sedes determinadas (doze) para a realização das partidas, apresentam problemas sociais que podem ser considerados graves. Salvador, por exemplo, é uma capital que sofre, há muito, com surtos de dengue, Recife é uma das cidades mais violentas do país, Cuiabá padece com secas e queimadas, Brasília apresenta problemas com a taxa de desemprego (17,5% em 2012, 2,4% a mais que em outras regiões metropolitanas do Brasil), Fortaleza apresenta o segundo pior índice de saneamento entre as regiões de metrópole do país, Manaus sofre com a malária, a cidade do Rio de Janeiro não consegue solucionar os problemas de poluição da Baía da Guanabara e praias como Botafogo e Flamengo, a capital de São Paulo apresenta trânsito caótico, Porto Alegre têm problemas com abastecimento de água, Curitiba agoniza com os aterros sanitários, próximos do limite suportável, Natal não apresenta estrutura hospitalar e Belo Horizonte não consegue ter controle sobre o tráfico de drogas e a violência.

Os gastos dos Jogos pan-americanos realizados na cidade do Rio de Janeiro nos anos 2000 não foram divulgados claramente. A princípio, fez-se previsão de investimentos para o evento da ordem de 410 milhões de reais. Estima-se que tenham sido investidos 3,7 bilhões de reais. Caso confirmadas estas despesas, os investimentos teriam sido 793% a mais do que o esperado. Auditoria do Tribunal de Contas da União constatou indícios de irregularidades (superfaturamento e não fornecimento dos serviços prestados após contratos). Um bom exemplo do esbanjamento e falta de gerenciamento do Pan do Rio foi a edificação do Estádio João Havelange (Engenhão): a previsão orçamentária era de setenta e quatro milhões de reais. Custou cento e oitenta. Em 2016, a cidade do Rio abrigará as Olimpíadas Modernas. Montreal, após organização dos Jogos (1976), “quebrou”, embora Barcelona (1992) tenha virado centro cosmopolita.

Em 20 de julho de 2012, foi divulgado o montante que saiu dos cofres do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para os financiamentos dirigidos para as cidades-sede da Copa do Mundo. Até a data, São Paulo, Belo Horizonte, Manaus, Recife e Rio de Janeiro receberam 400 milhões de reais cada, Cuiabá, 393 milhões, Fortaleza, 351,5 milhões, Natal, 396,5 milhões e Salvador 323,7 milhões. Apenas Curitiba e Porto Alegre ainda aguardavam a liberação de recursos do órgão de fomento, que já havia liberado 3,4 bilhões para as demais cidades.

O Tribunal de Contas da União apontou, no mês de julho de 2012, a condição das obras dos estádios que estão sendo preparados para o evento. A Arena da Baixada (Curitiba), amargava a pior colocação no ranking : apenas 11,2% das obras estariam terminadas (em março do mesmo ano era de 8,5%). Mas o atraso não estava concentrado apenas no Paraná, mas generalizado pelas demais praças.

A previsão de gastos com as obras só se amplia: em 2011, estimava-se que a recuperação do Maracanã (RJ) consumiria 957 milhões de reais, que a construção do Estádio Nacional de Brasília absorveria 670 milhões, que o custo para preparação do Mineirão seria de 666 milhões e do Castelão (Fortaleza) de 519. Para o erguimento da Arena Amazônia (Manaus), seriam destinados 499,5 milhões de reais, e para a edificação da Arena Pantanal (Cuiabá) de 355 milhões. O custo para implantação da Arena Pernambuco (São Lourenço da Mata) estava orçado em 532 milhões e a preparação do Estádio Beira-Rio (Porto Alegre) em 290 milhões. Já a Arena das Dunas (Natal) consumiria 400 milhões.

Todas as cifras já foram superadas, conforme dados da Confederação Brasileira de Futebol e do Ministério dos Esportes do Brasil (agosto de 2013). E quanto maior é o atraso das obras, mais os valores se alteram. Para maior.

86 Segundo fontes governamentais, por ocasião da realização da Copa das Confederações (realizada em junho de 2013, como um “ensaio” para o Mundial de 2014), o estádio do Maracanã foi entregue. Custo final: 1,2 bilhão de reais (custo inicial previsto era de 600 mil reais). O custo de outras obras, tais como o entorno do estádio Mário Filho, passarela para acesso ao estádio, reforma do aeroporto do Galeão, entre outros, foi orçado em 3,3 bilhões. O estádio Mané Garrincha (Brasília), com custo inicial previsto de 745,3 milhões, teve um custo final de 1,2 bilhão, mesmo com falta de pontos de energia elétrica, conexão deficitária com a internet, vestiários com água fria e entorno de obras incompleto, além da estrutura do gramado, que não atende aos padrões da Fifa (que deve exigir sua troca, trazendo novos investimentos). O estádio de Belo Horizonte também foi entregue reformado. Seu custo inicial estava orçado em 426,1 milhões. Foi entregue com custo final de 666,3 milhões, com previsão de gastos de cerca de mais 2 bilhões de reais para obras como ampliação do aeroporto de Confins e criação de sistemas de corredores de ônibus (BRT)<sup>1</sup>. Já o estádio reformado de Fortaleza (Castelão), com custo inicial de 623 milhões, foi entregue com 518,6 milhões de reais, porém com ruas do entorno do estádio em obras e com interdições e desvios. O novo estádio de Manaus (Arena da Amazônia), até junho de 2013, apresentava custo final previsto de 550 milhões reais (como já citado, o custo inicial era de 499,5 milhões); outras obras, segundo previsão orçamentária, devem consumir mais 330 milhões de reais (embora o monotrilho e o sistema de corredores exclusivos para ônibus tenham sido abortados). A Arena Pantanal (Cuiabá) teve seu custo ampliado para 525 milhões de reais, com o custo de outras obras orçado em 1,6 bilhão ( ampliação do aeroporto). A revitalização do porto foi descartada. A Arena Pernambuco (estádio novo), com previsão de entrega em dezembro de 2013,

<sup>1</sup> Na reabertura do estádio, falta de água e bares fechados demonstraram falhas organizacionais.

tem seu custo final orçado em 680 milhões de reais, ou seja, cerca de 150 milhões a mais do que o previsto inicialmente. Outras obras de adequação têm custo de mais 1,6 bilhão (sistema de corredores de ônibus, terminal de metrô e obras no aeroporto do Recife). Com 71% das obras concluídas em junho de 2013, o reformado Beira-Rio (Porto Alegre), com custo inicial de 130 milhões, teve ampliação orçamentária para 330 milhões de reais, com custo de outras obras orçado em 1,2 bilhão (complexo viário, duplicação de avenidas, instalação de corredores de ônibus, reforma e ampliação do aeroporto Salgado Filho e edificação de trilhos ligando aeroporto aos trens). O estádio novo de Natal (RN) teve seu custo ampliado para 420 milhões, com custo de demais obras de 1,8 bilhão de reais (construção de aeroporto e prolongamento e construção de avenidas). O estádio da Fonte Nova (Salvador) foi entregue por ocasião da Copa das Confederações com custo final de 689,4 milhões de reais (previsão inicial era de 590 milhões), com despesas estimadas para outras obras de 4,3 bilhões de reais (metrô, aeroporto e entorno da arena)<sup>2</sup>. O estádio reformado de Curitiba (Arena da Baixada), tinha 68% de suas obras finalizado. O custo inicial estabelecido fora de 184,5 milhões de reais, ampliado para 234 milhões como custo final e o gasto de 506 milhões para outras obras de adequação ao evento (reforma da rodoviária, acesso aeroporto-rodoviária, ampliação do aeroporto Afonso Pena e requalificação de avenidas). Já o estádio Itaquerão (SP), com custo inicial de 600 milhões, teve reavaliação dos custos: 820 milhões de reais, com custo de outras obras orçado em mais 3,1 bilhões (intervenções viárias, obras no aeroporto de Cumbica e Viracopos e monotrilho – este só será entregue após a realização da Copa de 2014)<sup>3</sup>.

Um novo balanço geral do andamento das obras divulgado pelo Comitê Organizador local (COL), divulgado em 25 de Novembro de 2013, apontou que as contas relativas a gastos, estimadas em 7,107 bilhões de reais ao final de 2012, subiram para 8,005 bilhões, ou seja, uma diferença de 898 milhões. O estádio mais caro, construído do zero (Itaquerão, cidade de São Paulo), passou a ter previsão orçamentária que chega à casa dos 850 milhões de reais (vale lembrar que os custos devem ser revistos, uma vez que um acidente ocorrido em 27 de novembro de 2013 - tombamento de um guindaste - comprometeu o cronograma das obras)<sup>4</sup>. Para complementação das obras do Mané Garrincha (Brasília), mais 200 milhões devem ser gastos (como já citado, o estádio foi entregue com obras de seu entorno incompletas).

A falta de planejamento é considerada a principal razão para o atraso das obras na maioria dos estádios e nas melhorias de infraestrutura nas cidades que serão palco das rodadas do torneio em 2014. Porém, outras razões podem ser apontadas: a) a indicação de doze sedes, quando é considerado que apenas oito seriam suficientes; b) a demora na liberação das verbas por parte de investidores e mesmo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES); c) a provável intenção do estabelecimento de investimentos emergenciais por parte dos gestores das obras; d) os projetos originais mal-planejados, que requerem constantes adaptações; e) a falta de gerenciamento e fiscalização na execução dos projetos estabelecidos para as obras.

<sup>2</sup> Parte da cobertura do estádio, há dezenove dias da abertura da Copa das Confederações (15/06/2013), desabou por causa das fortes chuvas que atingiram Salvador em 27 de maio de 2013.

<sup>3</sup> A princípio, houve indicação do Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi) como sede paulista. A promessa era de investimento do São Paulo F.C., sem envolvimento de dinheiro público. Posteriormente, o estádio foi preterido, decidindo-se pela construção do Itaquerão.

<sup>4</sup> Não foi o primeiro acidente no processo de construção e adequação de estádios para o evento Copa 2014. Em junho de 2012, o operário José Afonso de Oliveira morreu na construção do estádio Mané Garrincha, em Brasília; em 29 de março de 2013, o operário Raimundo Nonato morreu na obra da arena Amazônia. Em 27 de maio de 2013, apesar do acidente que rompeu a lona de parte da cobertura da Arena Fonte Nova, em Salvador, não houve mortes e ferimentos. No acidente de 27 de Novembro de 2013 no Itaquerão, morreram os operários Fábio Luiz Pereira e Ronaldo Oliveira dos Santos.

Vale lembrar que, por ocasião da Copa das Confederações (2013), uma série de manifestações populares invadiu o país. Além das várias reivindicações, o custo elevado para a organização do evento foi questionado. Afinal o país carece de investimentos em vários outros setores, seja na saúde, educação, no sistema de transporte, entre outros, chegando a FIFA a colocar em dúvida a viabilidade da realização da Copa 2014 no país.

Pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha nos dias 27 e 28 de junho de 2013, indicou que 65% da população brasileira mostrou-se favorável à realização da Copa do Mundo de Futebol no Brasil, 26% contra, 8% indiferente e 1% que afirmaram não saber (em 2008, os números apresentados por pesquisa realizada pelo mesmo Instituto mostraram 79% favorável, 10% contra e 5% indiferentes, com 6% afirmando não saber responder à questão). Ainda segundo a pesquisa de junho de 2013, 48% dos pesquisados afirmaram que a Copa traz mais benefícios do que prejuízos, 44% afirmaram trazer mais prejuízos do que benefícios e 8% afirmaram não saber responder à questão.

## CONCLUSÕES

Na busca de significados e do funcionamento das sociedades, as mais diversas linguagens tornaram-se objetos privilegiados para as análises, vistas, cada vez mais, como metáforas da realidade. Os variados discursos (orais, rituais, escritos, musicais, arquitetônicos) passaram a ser codificados com maior frequência, procurando apreender seus elementos de tensão social e seus sentidos históricos, sua produção e sua circulação num dado meio social. Ou seja, faz-se necessária a identificação de elementos da “micro história” e sua valorização diante da tradicional “macro história”.

88

O futebol, nascido dentro de um quadro elitista, ganhou o mundo, tornando-se a Copa do Mundo da prática um evento gigantesco e de grande visibilidade.

Um grande evento como uma Copa do Mundo, se mal organizado, não transparente em seus custos e investimentos e que não deixa como herança para a população do país sede benefícios, pode causar impactos que podem prolongar-se por gerações. Mesmo a forma com que se conduz a organização de um evento do porte de uma Copa do Mundo de Futebol, pode nos dar pistas do caráter geral dos agentes envolvidos no processo, assim como do próprio Estado e seu gerenciador: o Governo.

Um dos impactos do obscurantismo organizacional pode envolver a juventude, que tem grandes possibilidades de se desencantar com os assuntos políticos e mesmo com a prática esportiva envolvida, no caso o futebol. Outra consequência pode ser a prática dos atos de corrupção, a ser vista como um mal enraizado e sem solução.

A primeira Copa do Mundo organizada no Brasil ocorreu em 1950. Os tempos eram outros. Estávamos sob o governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), ninguém conhecia Pelé e os anos de desenvolvimentismo de JK ainda não haviam chegado. Tudo era mais modesto e as exigências da FIFA eram outras. Denúncias de corrupção e de capitalização política foram, no entanto, jogados ao ar.

O Brasil aprendeu a ganhar fora de seus redutos. Foi assim em 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002. As comemorações foram em solo externo. Não havia tanto comprometimento social, político, mercadológico e sentimental como nos dias atuais. Agora é diferente: em terras brasileiras, cria-se a o jargão de que “não podemos aceitar um novo revés como ocorrera em 1950”.

Tal revés recai sobre a idéia de que devemos ganhar em campo de jogo. Porém, o revés pode ser outro, e fora do campo de jogo.

A Copa de 2014 sairá. Porém, não sabemos quais as conseqüências que serão deixadas ao país.

A vitória pode encobrir os mandos e desmandos, assim como os gastos duvidosos e desnecessários. A vitória pode trazer conquistas políticas para governantes brasileiros e dirigentes nacionais e internacionais. Caso percamos na bola, certamente os questionamentos sobre os investimentos realizados e a viabilidade do evento no país estarão sob suspeita. Talvez, como já o fizemos, poderíamos ganhar fora de nossos domínios, sem que toda uma “dinheirama” fosse derramada, sempre sob suspeitas de superfaturamento ou de enriquecimento alheio.

### REFERÊNCIAS

AZEVEDO, C; REBELO, A. A corrupção no futebol brasileiro. In: Revista Motivivência. Florianópolis: Editora da UFSC, 201.

FAUSTO, Boris. Negócios e Ócios. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

FLOREAL, Sílvio. A Ronda da Meia-Noite – Vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

HARDMAN, Francisco Foot. Nem Pátria, nem Patrão. São Paulo: E-VUNESP, 2002.

NOGUEIRA, Armando. Bola na rede. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

PATUSCA, Araken. Os reis do Futebol. São Paulo, 1976 (sem editora).

PINHEIRO, Paulo César de M. Sarmento. Cultura e Sociedade no Brasil (1900-1914). In História do Século XX. São Paulo: Abril, 1975, vol. 3.

89

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. Futebol e Palavra. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

WISNIK, José M. Veneno Remédio – o futebol e o Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.